

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

Ano III—Numero 106

Preço avulso 1 Escudo

12 Páginas

# O DOMINGO

## *ilustrado*

SEMANARIO

R. D. PEDRO V-18  
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM

TODA A PROVINCIA  
COLONIAS E BRAZIL

NOTÍCIAS & ACTUALIDADES GRÁFICAS - TEATROS - SPORTS & AVENTURAS - CONSULTÓRIOS & UTILIDADES



**Onde  
para  
o  
assassino  
de  
Sidonio  
Pais ?**

ESTA É A EXPRESSÃO DE JOSÉ JULIO DA COSTA, O MATADOR DO PRESIDENTE, NA ESTAÇÃO DO ROSSIO. HAVERÁ, PORÉM, OUTRO BRAÇO ASSASSINO QUE SUGESTIONASSE O PRIMEIRO PARA A TRÁGICA TAREFA?

AS LAMPADAS  
ELECTRICAS

**Condor**  
MILHO

SÃO AS MAIS  
ECONOMICAS  
E AS MAIS  
RESISTENTES.

A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DE ELECTRICIDAD

LER DENTRO BRILHANTE COLABORAÇÃO de Artur Portela,  
Feliciano Santos, Augusto Cunha, Noberto Lopes, Carlos Abreu,  
Leitão de Barros, Tomaz Ribeiro Colaço, etc.

ESTE NUMERO FOI VISADO  
PELA COMISSÃO DE CENSURA

cronica da semana

«FAITS-DIVERS»

A semana que findou teve, como as outras, sete dias de vinte e quatro horas e um sabado com sol.

Em compensação, tivemos «A Rua Sem Sol...». E eu digo «tívimos», porque felizmente não sou menina e o porteiro do Tivoli deixou-me entrar livremente sem me exigir a certidão de idade.

Ora a semana que findou não foi mais triste nem mais alegre do que outras semanas que têm vindo ao mundo. Foi uma semana trivial. Fizeram-se algumas prisões, mas qual é a semana em que se não fazem prisões? Embarcaram alguns passageiros para o Atlantico. Mas qual é a semana em que não embarcam passageiros para o Atlantico?

Morreu o «Gavroche». Claro que não morre um «Gavroche» todas as semanas. Mas morre todos os dias uma ilusão. E o «Gavroche» era uma ilusão—uma ilusão libertária que se apaga numa noite de luar.

—A sociedade libertou-se dum criminoso—dirá o leitor.

E, no entanto, há sempre uma mulher que chora por um criminoso. Houve: uma mulher que chorou pelo «Ga roche». O amor alimenta-se de tudo. Até do crime.

Durante a semana, a porta duma prisão fechou-se sobre um assassino. Vi-o. Falei-lhe. Procurei lêr-lhe nos olhos uma palavra de arrependimento. Os olhos não disseram nada. Os olhos calaram-se.

Mas eu senti nitidamente que sobre o homem que assassinou pesava uma força oculta, uma força que pesa como chumbo e que se chama «Justiça».

Podem os homens absolvê-lo, que esse homem não ficará impune. Esse homem já trás consigo a condenação.

Li-lha eu nos olhos, na palidez do rosto, nos dois dedos que ele espalmou comicamente sobre a língua—num esgarê fingido de manicmio.

Esse homem que assassinou, no dia em que assassinou começou lentamente a descer a escada que conduz á sepultura.

NORBERTO LOPES

CASAMENTO



Entre convidados:  
—São os vendedores bodas de ouro!  
—Estás doído? Ainda agora se casam!  
—Doído estás tu! Não sabes a fortuna dela?...

# Má Língua

## Partidos e delgados fóra...

*A política é um bosque emmaranhado onde se escuta um sussurrar eterno; —como esses a que o Dante foi levado quando lhe deu na bôlha ir ao Inferno.*

*Uma sombra especial, pairando em torno, põe logo as almas puras muito afflictas; um cheiro a mofô, venenoso e morno, evôla-se das plantas parasitas...*

*Toda a flora se encontra misturada provocando as miragens mais extranhas; —mãos que buscam a fruta cobijada ficam pasmadas de apanhar castanhas.*

*Entre innumeradas castas vegetaes vae sendo raro,—e é pena—o marmelleiro; porém a mim o que me admira mais é não ser mais frequente o limoeiro...*

*Ha mimosas erectas pelos montes e carvalhos torcidos nas encostas que bibendo a energia em boas fontes não mostram folhos e produzem postas.*

*Subjectivando o quadro a Portugal o «bosque» é uma floresta feia e suja; uma especie de anarchico pinhal semeado com sementes da Azambuja.*

*E o que é o maior mal da situação é que, devido a dars e tomars, [e em homenagem á Separação] as arvores são todas... seculares!*

*Vem a coisa a proposito da Nôta tão criminosa,—e sobretudo pífia— em que a voz dos partidos se denôta com tamanha tendencia para a fífia.*

*Os partidos! Partidos fossem elles por um raio descido dos espaços; que em verdade partidos como aqueles queriam-se partidos em pedaços!*

*Então lá porque o Tacho se desleixa de amamentar tão altos comilões —não se envergonham de irem «fazer queixa» levando allegações ás Legações?*

*«—Affonso, antes o XII do que o Costa—» foi uma phrase (que não tem perdão) attribuida a um thalassa;—e a resposta foi, e acho muito bem,—a Indignação.*

*Sômente, para aquelles que souberem ser justos sobre quanto os impressiona, que pôdem merecer os que hoje querem antes o Poincaré do que o Carmona?*

*Tentaram com a Nôta, os emissores, fazer o gosto á gula despedida, e vendo-se partidos, ser senhores de pregarem ainda uma partida?*

*Andaram mais que mal. Seja o que for, ande tudo embrulhado, tudo em braza, —mandam velhos principios do pudor que a roupa suja se branqueie em casa.*

*Felizmente—O Estrangeiro—é tão cruel que «não ligou» ao brado neurasthenico, nem poz debaixo de olho esse papel, talvez por não o achar bastante hygienico.*

*E queira Deus que a plêbe—com sentido de se furtar a uma peor derrota— nunca mais cuide achar um bom partido num dos taes partidinhos da má nôte...*

TAÇÓ

### BREVEMENTE

## Formidavel concurso

DO

## CARMO E DA TRINDADE

para os nossos leitores de Lisboa, feito de acordo com Erico Braga o audacioso emprezario do Trindade.

O ADVOGADO

FILOSOFOS



—O Sr. dr. não calcula o que me custa mover uma acção contra minha mulher!...  
—Calculo, sim! A' minha parte uns dez contos...



—Tu creditas que um sujeito que diz estar na mais triste miséria toque assim uma coisa tão alegre?...

### questão prévia

LISBOA, pitoresco «Patio dos Milagres», é um catalogo aberto de miserias, mais ou menos autenticas e das maneiras varias de conjugar o verbo pedir.

Desde o mendigo classico, que exhibe aleijões e entô lamurias, mostrando farrapos e chagas, até ao fingido pobre envergonhado, que de noite nos sai ao caminho, da sombra dos portais, que variada gama de pedinchice e quanto esforço de penetrante psicologia na arte de comover o proximo, forçando-o a levar a mão ao bolso e a largar a esmola!

Esta arte de bem puxar ao sentimento não é das que exigem menos qualidades inteligentes de observação e estudo da alma humana. Para achar o «truc» infalível, que garante o rendimento certo, é mister dispor de dois dedos de talento applicado á profissão.

Lembro-me, ao acaso, dum certo mendigo que deve fazer a olta da cidade, com um meto e uma ordem perfeitos, porque só de tres em tres mezes aparece lá pela minha rua, a fazer a sua colheita de cedulas. Não bate ás portas, para lamuriar uma historia confusa de lar sem fogo, arca sem pão e corp e exangues de crianças toidas de tuberculose. Limita-se a fazer resvalar por baixo da porta um papelinho quadrado, onde em poucas linhas impressas sintetisa o pedido: «Fulano, aos 55 anos vê se forçado a recorrer pela primeira vez ao bondoso coração de V. Ex.ª...». E' seu pre pela primeira vez, porque os impressos são sempre sempre os mesmos e restituir-lhos é uma obrigação que ele lembra e agradece, como fazendo parte da esmola. No dia seguinte vem saber a resposta, como os distribuidores dos romances e fasciculos, e a resposta é sempre favoravel. Ha seguramente tres anos que este homem tem a mesma idade e pelo menos já doze vezes se apresenta «pela primeira vez» a impetrar o auxilio alheio.

Este ainda é cortex e faz-se pagar a esperteza, mas outros ha que rosnam ameaças de revolução social e de aniquilamento dos poderosos —que para eles são todos os que não vivem de esmolas. Rogam pragas, batem com os cajados nas portas, assustam as senhoras, para forçar pelo terrôr a saída da cedula de meio tosião.

Os misticos são os mais numerosos. Metem no requerimento o empenho de todos os santos e santas, reforçam o pedido com as alminhas, acumulam votos e benções sobre a cabeça azoïnada dos seus ricos benefiteiros e acabam por encarregar Deus de pagar o adeantamento que recebem em forma de esmola.

Aqueles que simulam uma grande vergonha de pedir não são dos menos pitorescos. Abordam-nos, levando a mão á aba do chapéu, pedem nos o «favôr duma palavrinha» e encetam uma choradeira: «Tive estudos, meu senhor... Hoje vejo-me neste estado... Envergonço-me de pedir, eu que podia ser alguém...» Em regra cheiram a aguardente e queixam-se de sofrer de ataques epilecticos. Mas mais curioso que todos esses mendigos que só pedem me surgiu em certa rua um velhote, que dizia para as janelas: «Não se arrependam de dar esmola aos pobresinhos!... Dêem esmolas que é para seu bem!»

Esse arranjou uma forma original de pedir, dando... conselhos.



### NO TALHO



—O Senhor tem mãos de carneiro?  
—Não, menina, tenho lingua de porco.

# LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

# «Página Alegre» por Xisto Junior

## Maquina de fazer reputações

NO dia em que completou dezoito anos e os preparatorios do liceu, o joven Alcides da Cunha bateu sobre a mesa de cabeceira uma palmeira energica e declarou a si proprio, com convicção:

—Hei-de ser um grande homem, tão certo como dois e dois serem quatro!

Tendo verificado, com indizível alegria, que a sua afinidade com as matematicas era tão evidente que até sem se sentir fazia contas de cabeça, Alcides da Cunha começou a vestir as ceoulas, descobrindo neste precioso instante que o quadrado do cós desta roupa interior era igual á soma dos quadrados dos fundilhos, a dividir por uma presilha.

Com tão firmes decisões e uma illimitada confiança no seu talento, Alcides da Cunha saiu de casa com o pé direito e com ele entrou na rua e na vida. Lembrando-se de que tinha um primo, que fazia a secção mundana no «Alarme», periodico da epoca que se publicava todas as semanas e que não produzia alarme nenhum, encaminhou os seus passos para a redacção, onde topou o seu primo a suar tinta sobre a descrição duma festa de caridade, realisada na rua da Fé por iniciativa dos condes da Esperança. As tres virtudes teologais tinham comunicado ao primo jornalista um aspecto tão serafico e uma tão acolhedora disposição de espirito, que ao joven Alcides da Cunha foi facilimo obter a publicação, na primeira pagina do «Alarme», da seguinte local:

### UM TRIUNFADOR

«Após prolongado sofrimento, terminou ha dias, com geral aplauso de mestres e condiscipulos, o curso de preparatorios o nosso primo e amigo sr. Alcides da Cunha, jovem mas já bem-quisto matematico e estudioso mancebo da nossa praça. Por altos e misteriosos designios da Providencia, completou no mesmo dia dezoito anos de inteligente existencia, pelo que lhe apresentamos os nossos bis-parabens.»

Quando o «Alarme» saíu, inserindo a grata local, Alcides comprou a tiragem toda e expediu os exemplares pelo correio, endereçando-os a todas as pessoas de categoria social, tendo tido o previo cuidado de circundar a lapis azul a encomiastica noticia, que alguns jornais da provincia reproduziram, a pedido.

Alcides, que desde a mais tenra infancia sofria de auto-sugestão cronica, em virtude dum ataque de bexigas recolhidas, quando viu os jornais com o seu nome em letra de fôrma, teve um deslumbramento e exclamou deante do espelho:

—Alcides, serás celebre! A imprensa occupa-se de ti! E a imprensa é a alavanca de Arquimedes: basta dar-lhe um ponto fixo no espaço para ela re-

volver o mundo. Ora eu parece-me que sou um bom ponto...

Não podendo estar a fazer anos todos os dias, nem a completar cursos de preparatorios todas as semanas, Alcides da Cunha, para que a alavanca da imprensa pudesse frncionar em seu proveito, decidiu fornecer-lhe outros motivos, com maior frequencia. Lançado na publicidade, já não recorria a amigos e parentes para obter a publicação dos seus reclames. Escrevia-os ele mesmo e enviava-os ás redacções com letra disfarçada, solicitando a inserção daquela noticia e assinando «um admirador».

Tudo lhe servia, desde que o seu



nome apparecesse impresso nas gazetas. Se era preso um homem qualquer de apelido igual ao seu, logo os jornais publicavam, a seu pedido, umas linhas elucidativas: «Escreve-nos o illustre homem de sciencia, sr. Alcides da Cunha, dizendo-nos que nada tem que ver com Gregorio da Cunha, ha dias preso por suspeitas de ter espancado a propria sogra. O sr. Alcides da Cunha não só não é Gregorio, como tambem não tem sogra, limitando-se a ter entre mãos um novo trabalho sobre a extração da raiz quadrada com anestesia local, obra destinada ao mais seguro exito no nosso meio scientifico e que em breve deve ser posta á venda.»

Quando não podia ser noutro local, impingia-se para a secção do diario mundano. Assim, por mais duma vez, alguns jornais publicaram, sob o titulo de «Partidas e Chegadas», noticias que se lhe referiam:

«Partiu ontem a corda ao relógio de algibeira o nosso illustre amigo sr. Alcides da Cunha»; ou então, para variar: «Chegou ha dias á janela da sua encantadora vivenda, a fim de chamar a mulher da hortaliça, o distinto homem de sciencias, sr. Alcides da Cunha.»

Se os jornais resistiam á publicação constante destes «clichés», Alcides, avisado e malicioso, descobria outros processos de insinuar nos prelos. Recorria, por exemplo, aos desmentidos, o que dá sempre um excelente resultado. Gazetas que já lhe tinham fechado as colunas na cara apiedavam-se com as cartas que ele lhes enviava, lastimando-se da perseguição caluniosa que lhe moviam os seus inimigos e

acabavam por lhe ceder misericordiosamente umas linhas: «Sabemos não ser verdade, como com inconcessaveis fins se tem feito constar, que o principio de Arquimedes tenha sido descoberto por este sabio da Grecia. Quem primeiro o enunciou foi o illustre homem de sciencia, sr. Alcides da Cunha, que se apressou a communicar-lo áquele seu colega grego. E' esta uma reivindicacão que não podemos deixar de fazer, por amor da verdade e movidos por um são patriotismo. O sr. Alcides da Cunha, para confundir os detractores da sua obra, oferece o testemunho insuspeito de numerosos vizinhos que o ouviram repetir varias vezes «Eureka!», no momento em que fez a sua descoberta.»

Com a velocidade assim adquirida, Alcides da Cunha em breve se julgou gloria nacional. Fez constar isto no estrangeiro e recebeu a comenda do «Elefante A's riscas», da Papuasias, e a grã-cruz da «Andorinha Rôxa», da Stepelandia. Foi nomeado socio correspondente da Real Academia Axiomatica dos Logaritmos Impereciveis, de Hong Kong e membro efectivo da Sociedade Arimetica e Recreativa do Alto Danubio. Por fim, a Academia Nacional, não querendo ficar atraz das suas congéneres estrangeiras, abriu as portas e disse-lhe: «Entra, Alcides!»

Entretanto, Alcides da Cunha ia envelhecendo, mas a sua obra, já vasta, consolidava-se com tomos novos. Para rebater três erradas afirmacões do «Almanaque de Lembranças», fez publicar esse volume, que ficará como uma magnifica afirmacão do progresso scientifico deste seculo e que se chama «Almanaque dos Esquecimentos». Atraído a literatura e publicou um livro de filosofia, cujo extracto ainda hoje é considerado heroico pela farmacopéa, rivalisando com o sulfenol e outros ingredientes puxavantes á soneca. A musica deu-lhe no gôto e fundou uma filarmónica.

A religião iluminou o seu espirito e



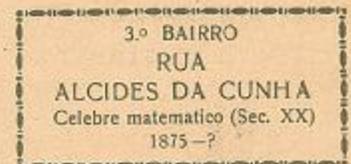
meteu-se na Ordem que ele proprio criou e de que se fez grão-mestre.

E' claro que todas estas novas revelacões de tão elevado espirito foram devidamente reclamadas pela tuba sonora da imprensa, junto da qual Alcides da Cunha se conservou sempre

atento, venerador e obrigado. Nem de outra forma o país e o mundo teriam conhecimento do extraordinario talento de Alcides da Cunha, se ele não estivesse constantemente a dizer que o tinha, porque ele só não usava nos cartões de visita, por baixo do nome, a designação de «homem celebre», por absoluta falta de espaço, todo ele preenchido pela prolixa enumeracão das varias dignidades em que estava investido.

Mas tudo cança, mesmo a admiracão e assim Alcides da Cunha encontrou-se um dia na situacão dos elevadores, parado a meio da ingreme calçada da Gloria, entre a indifferença dos que subiam e desciam. Quando deu conta de que ninguem reparava em si, Alcides, que não é de qualidade de desanimar, premeditou um reclame á americana, uma parada das proprias forças intellectuais, que fosse ao mesmo tempo uma consagração, ainda que para uso interno. Começou por agitar antes de usar e elaborou o programa das festas do seu centenário. As festas principiaram por uma missa solene na sala do Conservatorio e uma sessão cantada, com acompanhamentos a órgão, na igreja de Santa Geografia. A' noite, sessão animatografica com a exhibição do «film» de grande successo «Charlot, homem de sciencia» e conferencia subordinada ao tema: «A serie dos numeros, como a dos tolos, é illimitada.»

Tendo sido encomendada a um scenografo uma rua de cartão, por subscrição entre os seus admiradores, procedeu-se em casa de Alcides á inauguração da seguinte lapide de papel almasso, que foi colocada numa das esquinas.



Discursos, copos de agua, banquetes. Um mez de comemoracões festivas, em que Alcides da Cunha gosou o inefavel prazer de festejar o seu centenário e durante o qual esteve permanentemente aberta ao publico uma exposicão interessantissima, em que se viam a cartilha por onde o illustre cientista aprendeu a lêr, a ardosia em que fez os seus primeiros calculos na escola da Camara, a primeira camisa que vestiu e de que ele se lembra perfeitamente, e toda a colecção de jornais em que vem impresso o nome de Alcides da Cunha.

Terminada a comemoracão do seu centenário, Alcides da Cunha tirou a corda de louros com que se tinha mantido em escabeche durante as festas e recolheu ao seu quarto, que tivera de

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 9

Humorismo



OS GRANDES REMEDIOS PARA OS GRANDES MALES  
—ALGUMAS RECEITAS ÚTEIS E DE GRAÇA—PARA OS  
CASOS ESPECIAIS NÃO PREVISTOS PEDIR PARA ESTA  
REDACÇÃO A RESPECTIVA RECEITA, QUE SERÁ FOR-  
NECIDA PELO MESMO PREÇO.

**E**XISTE uma praga pior que a dos gafanhotos.  
É a dos maçadores. Dos que não tem na vida outro papel e outro fim, senão seringar o próximo por todos os meios ao seu alcance.

É e principalmente numa terra de paladros impenitentes como a nossa, que mais penoso se torna suportá-los.

Como tenho para estes males um variado sortido de remédios, não quero guardá-los exclusiva, egoísta e unicamente para mim.

Mesmo porque desta forma, com a difusão das medidas profiláticas mais aconselháveis nos varios casos, mais facilmente se poderão evitar os seus efeitos e exterminar a epidemia.

Ha, por exemplo, os maçadores que nos abordam na rua, principalmente quando vamos atarefados e com pressa.

Se não te nos maneira de os evitar a tempo ou lhes caímos inadvertidamente ao alcance das garras, eles começam em geral por nos dirigir um cerrado interrogatorio, que vai desde o minucioso inquerito á nossa saude e á de toda a Ex.ª Família, até ao exame indiscreto da prosperidade dos nossos negocios e occupaço. s. E perante as nossas vagas respostas e claras evasivas, terminam espontaneamente por nos pôr ao facto de tudo o que lhes diz respeito.

Ora para grandes males grandes remédios, e como todas as men iras são perdoáveis quando são para bom fim, ainda a melhor s'íla para um caso dest s é afivelar ao rosto o melhor possível a mascara da emoção e perante o seu inicial e curioso:

—Então o que dizem eles? lamentarmos, por exemplo, no ar mais contristado que tivermos ali á mão:

—Mas que barbaridade!! Que selvageria!! Isto é demais!! Isto está insuportavel!! Já nem se pôde andar na rua tranquilamente!

—Mas o que foi? dirá o outro, já sobre brazas.

—Isto assim não pode continuar; vou já meter-me em casa. É um perigo anda cá por fóra nos tempos que vão correndo...

—Mas o que aconteceu? Tornará o outro, já a ferver.

—E não ha ninguém que reprima uma coisa destas! Um policia nos tiros em plena rua!

—E' um perigo para quem passa.

—E ha feridos?

—Sim, parece que atingiu um sujeito que passava...

—E quem era?

—Parece que um importante banqueiro da nossa praça...

—De Lisboa?

—Isso não sei ao certo; parece que tinha chegado de fóra... de Coimbra ou da Figueira, não posso precisar...

E' claro que nesta altura, para travar a marcha vertiginosa da curiosidade e das perguntas, temos de adoptar um novo reme sio complementar do primeiro e dizer num sobressalto:

—E parece-me que ouvi tiros novamente...

E tó assim poderemos ver o maçador perder, pelo amor á pele, o desejo de satisfação da sua curiosidade e desaparecer rapidamente.

E' claro que este remedio apesar de conde-navel por falta de veracidade das nossas afirmações, é no entanto um boato, sim, mas perdoavel, por ser em legitima def za.

De resto, é um boato sem consequencias, por-

que as unicas que pode ter são as de, pouco depois, ao entrarmos, por exemplo, em qual-quer tabacaria, ouvirmos frases com esta:

—Eu se fosse a Você punha os taipais. Isto val dar mólho com certeza. Parece que o tiro-teio foi medonho! Sei de fonte segura que até já mataram um importante ban queiro na Praça da Figueira...

E' claro que neste momento a receita que para nós teve o efeito desejado não tem já consequencias. O dono da tabacaria, com o ouvido calejado de boatos, não põe os taipais, porque sabe que os banqueiros não costumam ir á praça, a não ser depois de falidos. E quan-

resistirá, se n pelo menos ir reclamar á bilheteira outro lugar, perante frases como estas:

—Mas que pes-im' logar que me arranjam. Ha aqui uma terrivel corrente de ar... Já aqui apanhei uma pneumonia e estou a ver que faço "reprise" desta v z...

—Ou então lembrar cu-dadosamente:

—V. Ex.ª tenha cautela, essa cadeira tem u na falha ou u n prego que já uma vez me inutilizou um fato novo...

—Ou ainda:—Tenha cuidado porque essa cadeira não está segura; já uma vez me fez uma partida que me ia quebrando uma perna...

Ha ainda os maçadores que nos procuram durante as nossas occupações e no melhor dos nossos alazeres.

São perfeitamente inúteis aqueles avisos de que «nada ha mais prejudicial a quem trabalha do que a visita de pessoas que não tem nada que fazer» e outras afirmações semelhantes que alguns escritorios se colocam nas paredes.

Porque os maçadores não acreditam em tais maximas.

Passam por elas sem as ler e quando as leem dizem lá consigo: «Isso são opiniões».

Contra esses, portanto, só usando doutros meios.

Por exemplo:

Ao ve-los entrar, dizer im diatamente:

—Esta só a mim, mas que fatalidade!

E perante o seu olhar interrogativo:

—Ora imagine que contrariedade; acaba de telefonar-me um amigo meu—e seu tambem, segundo creio,—a comunicar-me, afitissimo, («deve ser tudo em superlativos) um tremendissimo transtorno na sua vida; diz que vem já procurar-me para eu lhe valer, para nós lhe valerem... ora, eu francamente nesta altura não est u habilitado...

E' fatal que neste momento o outro leva a mão ao bolso e dá porque se esqueceu a carteira em casa ou se lembra duma coisa urgente a fazer ou de qualquer entrevista a que

do, portanto, já não tem importancia nenhuma.

Mas ha casos mais graves e de mais difficil tratamento.

Por exemplo o de nos caber, por azar, por vizinho do lado num teatro u destes cavalheiros que durante a representação das peças não podem estar quietos, nem calados, emitindo constantemente os seus comentários, as suas censuras, as suas piadas, fazendo a sua critica ao desempenho, ao scenario, ao guarda-roupa, sem se lembrarem de que os outros trouxeram para ali os seus ouvidos, não para os ouvir a eles, mas á peça.

Se fór uma "première" ha uma forma segura de o afastar rapidamente.

Começamos tambem monologando e a certa altura insinuarmos:

—Esta peça vai dar escandalo com certeza...

—Sim?—faz ele irresistivelmente.

E nós, sem pestanejar:

—E' mais que certo. Está tudo preparado para isso. Vai dar mesmo intervenção da força. Não tarda um quarto de hora que isto não esteja tudo envolvido em desordem. Ha neste quadro uma scena escabrosa que vai dar de si...

—De mim?

—Não, refiro-me á scena. Vai ver daqui a pouco as bengalas, as cadeiras, as dobradiças, tudo numa sarabanda. Pode ser que não, mas tudo o indica. Sei de alguns que até veem armados de revolver...

E não será necessario enumerar o resto do armamento disseminado na sala, porque neste momento a cadeira do lado está vazia, com certeza.

Quando não é "première", é mais difficil, mas no entanto nenhum dos vizinhos importunos

resistirá, se n pelo menos ir reclamar á bilheteira outro lugar, perante frases como estas:

—Mas que pes-im' logar que me arranjam. Ha aqui uma terrivel corrente de ar... Já aqui apanhei uma pneumonia e estou a ver que faço "reprise" desta v z...

—Ou então lembrar cu-dadosamente:

—V. Ex.ª tenha cautela, essa cadeira tem u na falha ou u n prego que já uma vez me inutilizou um fato novo...

—Ou ainda:—Tenha cuidado porque essa cadeira não está segura; já uma vez me fez uma partida que me ia quebrando uma perna...

Ha ainda os maçadores que nos procuram durante as nossas occupações e no melhor dos nossos alazeres.

São perfeitamente inúteis aqueles avisos de que «nada ha mais prejudicial a quem trabalha do que a visita de pessoas que não tem nada que fazer» e outras afirmações semelhantes que alguns escritorios se colocam nas paredes.

Porque os maçadores não acreditam em tais maximas.

Passam por elas sem as ler e quando as leem dizem lá consigo: «Isso são opiniões».

Contra esses, portanto, só usando doutros meios.

Por exemplo:

Ao ve-los entrar, dizer im diatamente:

—Esta só a mim, mas que fatalidade!

E perante o seu olhar interrogativo:

—Ora imagine que contrariedade; acaba de telefonar-me um amigo meu—e seu tambem, segundo creio,—a comunicar-me, afitissimo, («deve ser tudo em superlativos) um tremendissimo transtorno na sua vida; diz que vem já procurar-me para eu lhe valer, para nós lhe valerem... ora, eu francamente nesta altura não est u habilitado...

E' fatal que neste momento o outro leva a mão ao bolso e dá porque se esqueceu a carteira em casa ou se lembra duma coisa urgente a fazer ou de qualquer entrevista a que

do, portanto, já não tem importancia nenhuma.

Mas ha casos mais graves e de mais difficil tratamento.

Por exemplo o de nos caber, por azar, por vizinho do lado num teatro u destes cavalheiros que durante a representação das peças não podem estar quietos, nem calados, emitindo constantemente os seus comentários, as suas censuras, as suas piadas, fazendo a sua critica ao desempenho, ao scenario, ao guarda-roupa, sem se lembrarem de que os outros trouxeram para ali os seus ouvidos, não para os ouvir a eles, mas á peça.

Se fór uma "première" ha uma forma segura de o afastar rapidamente.

Começamos tambem monologando e a certa altura insinuarmos:

—Esta peça vai dar escandalo com certeza...

—Sim?—faz ele irresistivelmente.

E nós, sem pestanejar:

—E' mais que certo. Está tudo preparado para isso. Vai dar mesmo intervenção da força. Não tarda um quarto de hora que isto não esteja tudo envolvido em desordem. Ha neste quadro uma scena escabrosa que vai dar de si...

—De mim?

—Não, refiro-me á scena. Vai ver daqui a pouco as bengalas, as cadeiras, as dobradiças, tudo numa sarabanda. Pode ser que não, mas tudo o indica. Sei de alguns que até veem armados de revolver...

E não será necessario enumerar o resto do armamento disseminado na sala, porque neste momento a cadeira do lado está vazia, com certeza.

Quando não é "première", é mais difficil, mas no entanto nenhum dos vizinhos importunos

telefonar-mos simuladamente para qualquer parte, pouco depois de entrar o importuno e tendo sem que ele perceba, o telefone desligado. Estabelecer depois um aparente dialogo com um fantastico interlocutor proferindo frases deste genero:

—Sim?... Calcule!... Mas quantos esquadões?... Oh... mas que grande desgraça... e muitos?... O quê... já trez bomba?... vão cercar o Governo Civil?... Mas nesse caso... é uma nova revolução?... mas assim de repente... E' claro vou já mandar fechar... Mas quem havia de dizer...

E ta bem' jã nã será preciso dizer mais nada, porque o importuno, achando que é mais oportuno e mais prudente pôr-se ao fresco, do que satisfazer a curiosidade esperando o fim do nosso tragico dialogo, terá desaparecido como diabo de magia. Se o encontrarmos dias depois explicamos o caso, como uma brincadeira de mau gosto do nosso fantastico e telefonico informador.

Ha, porem, outro logar onde é mais difficil livrarmo-nos dos maçadores.

Em nossa propria casa

Aí, quando não podemos mandar dizer que saímos, por nos terem visto entrar, só resta uma solução.

O velho sistema de pôr uma vassoura atraz da porta, virar os bancos, as cadeiras e outros objectos, quando aparece uma visita indesejavel, está "demodê".

E está provado que apenas «serve para desarrumar a mobilia.

O melhor é deixar sent r o intruzo e passados alguns minutos ma dar pôr na casa do lado toda a parte disponivel da familia em palmilhas e aos puos, em ar de quem dança o charleston e de forma qu a casa estremeça, até abanar a propria mobilia e o seu rcheio.

E então d zer com voz tremula:

—Aí que é um abalo de terra.

E' claro que o outro, sem perceber que se trata apenas dum abalo de pernas, só para na rua. Depois é só dar a volta á chave, correr bem os ferrolhos e estamos livres de perigo.

E' este tambem dentre os remédios aconselhados o unico que tem de ser agitado antes d usar.

AUGUSTO CUNHA

NO CAFÉ



—O que tu envelheceste depois do teu casamento!  
—Não sabes que os anos de campanha são contados a dobrar?

A Mobiladora

DE

JOÃO ROZADO

COMPRA E VENDE MOVEIS

NOVOS E USADOS, ANTIGOS E MODERNOS

E CASAS COMPLETAS

112, R. Eugenio dos Santos, 112

Antiga R. de Santo Antão—Em frente á R. dos Condes

LISBOA

NÃO HAJA DUVIDA

QUE OS SOBRETUDOS  
FATOS DA MODA  
FEITOS E POR CAPAS  
E POR MEDIDA VALENTINANA



CASA DAS TESOURAS  
51-51A RUA DA ESCOLA POLITÉCNICA 57-55  
PERES & ARRANTES, SUCR 50-55

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

Outro sistema ainda nestes casos é o de te-

O DOMINGO  
e ilustrado



# TEATROS Lucinda

## Parabola

A este mar morto do teatro, em que as rãs coaxam irritadas e os corvos passam muito baixo, crucitando lugubremente, cheguei eu um dia — recordei bem — uma manhã, em que o sol e o azul eram tão puros, tão nítidos, tão embriagantes para os meus nervos dispersos na seiva do entusiasmo, que nem sequer reparei que o ar andava envenenado e a água era lívida, escura e coalhada...

Havia algumas flores, singulares flores que viviam estranhas e isoladas, por um requintado milagre de beleza, cuja causa desconhecida nos surprehe de e comove, tal como uma lágrima de creança sobre a podridão hedionda dum cadaver... Colhi essas flores e fiz delas a minha admiração sincera. Depois tentei afugentar os corvos que, quebrando o seu círculo estreito, foram voar mais longe, esperando confiados que me cansasse na luta. Calaram-se as rãs! Desapareceram, mas sentia-lhes os olhos vesgos, ironicos e vingativos. Enquanto andei dragando o lodo das águas mortas, o ruído do trabalho, bastava-me na defeza. Tinha contra mim o silencio e o isolamento da natureza, mas eram belos. Compreendia-os e compreendiam-me. A vida tinha o encanto da fonte que, suspensa do rochedo, muito breve canta e nunca mais se cala. Esperei que o tempo — indolente e creador, como uma parabola de luz, ajudasse secar o mar morto... E que sobre o limo virgem e fecundante, as flores do ideal, da perfeição e do sonho que eu tinha recolhido, tivessem irmãs... A mesma cor! O mesmo grito de vida! A mesma ansiedade religiosa de beleza! Continuei esperando, trabalhando, braços debeis, mas corajozos... Elas, porém, murcham, escondiam a médo o lindo sorriso das pétalas, dum maneira magoadas e doce. Era já a sua agonia e a minha esperança que morria... Adivinhava que a imagem daquelas flores era eterna.

Que para lá do horizonte — sob outro céu, não n'um mar morto e triste, mas em pleno campo, sem caminhos trilhados, libertas, pujantes, raízes bem mergulhadas na terra, e corolas bem abertas á luz, outras flores cresciam, altivas e opulentas, sacrificando a vida, quando novas sementes germinavam portadores dum verdade misteriosa e mais perfeita ainda...

Hoje, que de novo voltaram os corvos e que as rãs coaxam, sardonicas, sentei-me junto ao mar...

Cansado?

Mas não!

Desiludido! Cada interrogação que faço é uma sombra que surge. Já não vejo as flores... A sua morte é um nada de esquecimento. Talvez que venha a luz... Mas onde fica o oriente?

A noite teve a sua victoria completa e compacta. Entre os destroços, os corvos cruciam, raspando os últimos pedaços de carne viva.

Perto de mim um montão de cinzas fumega... E' triste como tudo quanto acaba e tudo quanto desaparece. Quem poderá ainda remexer o brazeiro, falcisar uma chama, rubra como o sangue e atear o incendio, que destrua, finalmente o teatro de hoje, para crear o de amanhã?

Suprema apoteose da morte — primeira alvorada da beleza!

ARTUR PORTELA

## SALÃO FOZ

VARIEDADES E CINEMA :: :: ::

:: :: :: BOA MUSICA :: :: ::

:: :: :: OPTIMOS ARTISTAS

A melhor casa de espectaculos de Lisboa

### Nacional

A primeira scena dramatica portugueza, á frente da qual está Alves da Cunha — o primeiro da sua geração. Adeline Abranches, a comedianta cujo nome dispensa elogios, e Perla de Bivar, artista cultissima e moçarrã, acompanham-no com Sacramento e Araújo Pereira, mestre ensaiador. O mais forte repertorio moderno.

### S. Luiz

A unica grande companhia de opereta portugueza, sob a direcção do nosso primeiro «metteur-en-scene» do teatro musical, Armando de Vasconcelos. Grandes elementos como Azenda de Oliveira, Vasco Santana, Aldina de Sousa e baritono brasileiro Silvio Vieira, que tanto exito já alcançou. A maior sala de espectaculos de Portugal.

### Politeama Trindade

A mais bela sala de espectaculos de Lisboa, com a companhia mais completa que possuímos. A grande Lucinda, com Erico, Almada, Amelia Pereira e um formidavel grupo dramatico que está á altura do mais difficil repertorio internacional.

As noites mais artisticas da capital e os espectaculos mais emocionantes de Lisboa.

### Avenida Gimnasio

Companhia Satalana-Amarante... A companhia mais simpatica ao publico Alem de Amarante — o maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Satalana, uma notavel actriz que reune o encanto duma mocidade fresca ao «têto» parisiense de seu estile. Hoje e por enquanto todas as noites «O Pé de Satalana».

O teatro mais moderno e mais europeu. A' frente o nome glorioso de Amelia Rey-Colaço, Robles Monteiro e todo um conjunto de artistas disciplinados e com um passado de trabalho que assegura o exito desta companhia, bõa em qualquer grande capital e unica em Lisboa. Espectaculos de comedias, alta-comedia e drama.

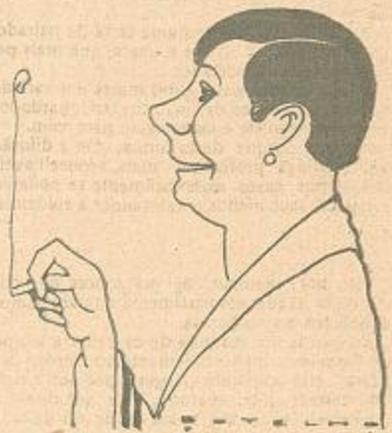
### Eden

O teatro das fantaisias e revistas populares. O teatro mais barato de Lisboa. Boa musica. Lindas mulheres. Os melhores comicos. Os espectaculos do Povo — feitos de arte portugueza e de sentimento nacional. Direcção de José Climaco. Hoje e sempre o «Cabaz de Marango» peça de Lino Ferreira, Silva Tavares, A. Ferreira e L. Oliveira.

### Variedades

Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, dois grandes nomes na arte dramatica; um formidavel repertorio de comedia, farsas e drama. Exitos «tournees» triunfais a attestarem o grande merito neste conjunto. Teatro elegante do Parque Mayer.

## No Trindade



A distinta artista Lucinda Simões, na peça de grande successo «A Garçonne», vista pelo nosso caricaturista Botelho.



A SUA GLORIFICAÇÃO PROFISSIONAL  
NO GREMIO DOS ARTISTAS TEATRAIS

O Gremio dos Artistas Teatrais promove hoje, na sua esplendida sede do Largo da Anunciada, uma festa em honra de Lucinda. Honra-se a Casa dos artistas dramaticos com essa festa, porque ella prestigia toda essa classe que não raras vezes é vitima da injusta critica das outras classes, acusando-a de menos nobre.

O nosso actor não ocupa ainda hoje a situação social a que tem indiscutivel direito. Porquê?

Porque alguns elementos que guardam a tradição boemica como a primeira das necessidades do espirito se não exigem aquella conduta que devem seguir os artistas que exercem dignamente uma profissão.

Lucinda está bem na glorificação profissional que lhe votam por vezes colegas, a mais valiosa de todas as que um artista pode ambicionar.

Ela encarna realmente a mais alta expressão de entusiasmo e de dedicação pela carreira scenica.

Lucinda é, especialmente, uma superior mulher de teatro, alem de ter sido sempre — como sua filha o é hoje — um exemplo incomparavel de brio profissional, de esforço pela sua arte e de significações da sua atividade.

Bem haja esta mulher, que honra a sua Pátria e que pode, ao menos, levar a consolação de ter cumprido um superior e bello destino!

Bem haja a sua encantadora velhice, tão portuguesa na expressão de bondade do seu sorriso, tão firme na convicção das suas opiniões, tão moça no pitoresco sempre vivo dos seus comentarios, e tão carinhosa na sua doce e inconfundivel aristocracia.

Bem haja, Lucinda — querida Avó do Teatro Português!

## No Nacional



Adelina Abranches e Alves da Cunha, na peça de Ramada Curto «Justiça», vistos pelo nosso caricaturista Botelho.

## ATELIER

## MADAME VALLE

ROBES ET MANTEAUX

RUA PASCOAL DE MELO, 9  
LISBOA

Telefone 1401 N.  
MOSTRA SEMPRE MODELOS  
DAS MELHORES CASAS DE PARIS

## Apolo Olimpia

Companhia Almeida Cruz. Teatro musicado onde figura a grande voz e o talento dramatico do seu director. Repertorio de gosto popular e de valor. Teatro tradicional e querido da população lisboeta. Comodidade, conforto, modicidade de preços e um espectáculo alegre e artistico.

Direcção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portugueza e um dos industriais mais categorizados. Films de primeira escolha. As grandes produções europeias e americanas. Ultimamente grandes transformações na sala e dependencias, de forma a torná-la a preferida do publico.

# Cigarros "Murattis"

Os predilectos da elite, os de maior fama no mercado. São duma fabricação extra, escrupulosa. Tabaco Egypcio da mais fina qualidade, gosto e aroma inexcelsíveis. Peça em toda a parte os cigarros "MURATTIS" EQUIPCIOS. Importadores VIUVA CONTRERAS O. F. — R. 1.º de Dezembro, 7

A informação que se faz nos jornais da Europa carece de verdade e interesse. A' minha sensibilidade de jornalista, que sente a profissão e está disposto a sacrificar-lhe a propria vida em holocausto, repugna o comodismo de informar o acontecimento no que ele tem de mais exterior. Exemplifico:

A esfaqueia B, e o reporter C limita-se a relatar os antecedentes de A e B, o local do crime e a desapareição de A, ou a sua prisão, como consequencia da morte ou hospitalisação de B. O mais interessante, interessante para A, que nisso pôz todo o interesse, e para B, que passou a ser o interessado, o mais interessante para o publico, que vive o interesse dos protagonistas, foi o que B sentiu no acto de ser esfaqueado, no acto do conflito vivo, no melhor acto da peça.

A mesma necessidade de informação se pode exigir nos casos de desastres de automoveis, chóques ferroviarios, incendios, suicidios e mil casos do dia. Este meu ponto de vista, que poderá parecer estranho, não foi ainda realizado, nem mesmo na America, onde o jornal é uma «blague» de vinte andares, uma «blague rasca ciélos».

Quero crer que muitos jornalistas têm adivinhado e sentido a necessidade desta auto informação pessoal, em que o «reporter» tem de ser alternadamente vitima de multiplos accidentes e outros pouco invejaveis estados de alma... e corpo...

Faltou-lhes porem este espirito de sacrificio que vou começar a viver, ou a morrer, em apontamentos de sensações que mais tarde poderão ser ampliadas com todos os detalhes, completando uma Enciclopedia indispensavel em todas as redacções, sempre que se trata de saber o que sentiu a vitima de determinado acontecimento a descrever.

Pelo caracter do seu semanario, suplemento do «Petit Journal» com sol de domingo lisboeta, resolvi oferecer-lhe as primicias das perigosas reportagens, que levarei a cabo com perigo da minha vida e saude... se Deus me der vida e saude.

#### COMO EU FUI VITIMA DUM DESASTRE DE AUTOMOVEL

Disposto ao sacrificio, para iniciar as minhas arriscadas informaçoes, preparei, com um prego, a ruptura do pneumatico e camara trazeira do automovel da redacção, de forma a não reventar antes de se iniciar a marcha. Sob qualquer pretexto reuni nos assentos detraz do «double phaeton», onde tomei assento, abundante quantidade de almofadas, destinadas a proteger o «chauffeur» no momento do desastre, uma vez que á minha consciencia repugnava o seu sacrificio.

Aproveitando a excelente pista, que é a estrada de E a F, na altura de G ordenei que se lançasse, imediatamente, a grande velocidade.

Assim que o contador de velocidades atingiu oitenta, e no momento preciso de se ouvir o estrondo da com-

pleta ruptura do pneu, tapei com a mão esquerda os olhos do «chauffeur», para impedir que tentasse evitar o imminente desastre, ao passo que com a mão direita o cobria de almofadas. Tudo isto levou menos tempo a fazer que a contal-o.

A velocidade adquirida arrastou-nos um momento, que me pareceu um seculo, e em que tive tempo de fixar



... senti-me projectado no espaço e dar em terra.

toda a responsabilidade e perigos da minha experiencia de reportagem vivida.

Os movimentos instintivos do «chauffeur», contrariando a volta do carro sobre si mesmo no sentido da marcha, assentando o radiador na estrada, foi contrariada e, ante a minha emoção, reflectida e serena, verifiquei que iniciávamos a volta lateral...

Abandonei-me á minha experiencia, sem poder contrariar alguns movimentos reflexos e, entre um ruido medonho de vidros partidos, senti-me projectado no espaço e dar em terra.

Ao ruido a que aludi succedeu-me um silencio impressionante, apenas interrompido pelo resfolegar do motor.

Ao cuidado de registar as minhas auto impressões antepoz-se o de verificar o que tinha acontecido ao meu involuntario companheiro de perigos.

Ao tentar levantar-me senti uma desagradabilissima impressão na clavícula esquerda e tive a imediata noção da ruptura. Apoiando-me no braço direito, e entontecido pelo choque, pus-me de pé, para buscar o «chauffeur». O remorso e o peso da minha responsabilidade cresceram ao dar pela falta do pobre mecanico!

Com grande esforço arranquei a

capota esfrangalhada do carro e encontréi são e salvo aquele que representava a minha maior preocupação. As almofadas, que por um momento supuz inúteis, tinham cumprido perfeitamente o seu papel.

Abandonei-me então ao meu entontecimento e deixei-me transportar, pelo proprio «chauffeur», com o auxilio dum seu providencial colega, para um carro que oportunamente passou pela estrada. Meia hora depois ligavam-me, no hospital mais proximo, por um processo novo, que permitiu ter a clavícula soldada dentro de trinta dias.

#### COMO EU FUI ESFAQUEADO

Apenas curado da minha primeira experiencia de auto-reportagem, decidi ser esfaqueado, em holocausto á ideia que me apaixonára.

De indagação em indagação obtive informaçoes preciosas acerca da habilidade faquista de certo facinora que resolvi provocar, seguro da sua attitude e reacção. Disposto a não perder tempo, cuspi-lhe na cara... e esperei.

As testemunhas que nos rodeavam, —estavamos numa taberna suspeita— apressaram-se a afastar-se, prevendo o que se ia dar.

Na cara do meu proximo futuro es-



... quando o vi fugir desabaladamente...

faqueador desenhou-se uma surpresa, que o fez empalidecer.

Para apressar a solução do conflito appliquei-lhe uma bofetada sonora... e o resultado não se fez esperar!

O provocado esgrimiu rapidamente uma navalha aberta e lançou-se sobre mim. Ainda eu esperava a agressão,

que não sentira, quando o vi fugir desabaladamente.

Como todos me olhassem, olhei tambem a parte do meu corpo que lhes chamava a atenção e, acompanhando duma estranha sensação alternada de frio e calor, ... vi os meus proprios intestinos!

Confesso que sofri uma perda que não previra... perdi os sentidos!

Quando os recuperei estava na cama duma enfermaria, onde me tinha sido feita a operação de laparotomia, sem eu poder registar as sensações dum operado.

#### COMO EU ME SUICIDEI

Profundamente abalado na minha saude, pelas anteriores reportagens realizadas, resolvi entregar-me imediatamente á experiencia do suicidio, por temer a morte subita... e involuntaria. O meu estado de fraqueza depois do choque e das facadas não me permitia duvidas acerca do fim precoce da minha curta vida de reporter «á sensaçoes».

Lutando com dificuldades para adquirir veneno nas boticas, sem recursos para a compra dum revolver e enjoado com a hipotese de engulir água do Tejo, pensei utilizar o fim romanesco e sensual do corte das arterias em pleno banho quente.

Reuni o dinheiro marcado na tabela duma casa de Banhos e muni-me duma folha de Gillete.

Agradecido ao creado que me preparara o banho á temperatura desejada, escrevi a lapis um bilhete, que preguei ao fato com um alfinete, declarando que lho deixava como gratificação.

Penetrei no banho, cortei as arterias na altura do pulso esquerdo, e esperei o fim, pensando no meu ignorado sacrificio.

O meu sangue entrou de colorir com dificuldade a agua. Pouco a pouco vai passando do rosa ao vermelho o mar em que me vou afogar.

O mar vermelho arrasta-me para o desconhecido. Turva-se-me a vista. Isto é pior do que eu supunha. Doe-me a cabeça horrivelmente. Difícilmente movo a mão direita para registar estas ultimas impressões. A morte avizinha-se e sinto um impossivel desejo de voltar a viver. E' tarde...

Meu caro Leitão de Barros

Respeitando a vontade do infeliz e audacioso auto reporter, que em vida foi meu amigo, envio-lhe o esboço de reportagens vividas que foram encontradas nas algibeiras do fato que vestia quando pela última vez praticou as estranhas teorias de informação que o vitimaram.

Seu amigo

«et nunc et semper»

ROGERIO PERES

SAMPAIO. Nada mais. Nem um nome próprio, nem um sobrenome, nem mais indicação de identidade convem agora.

Este homem pesado, quarentão, viúvo, solteiro, triste, foi meu vizinho. Conheci-lhe a história, li-lhe a vida passo a passo. De dedução em dedução completei o que vi.

Porque essa vida foi curiosa, inédita e porventura única, agora que ele recolheu piedosamente ao seu jazigo dos Prazeres, vou contar-vos-a, porque ela me dá uma página do *Domingo*, que talvez vos interesse.

Não sei se este homem era um bom. A bondade, mesmo, não se sabe o que é. Um grande egoísmo do coração?

A comodidade do cérebro fugindo á apreensão desagradável das dores alheias?

Se dar uma esmola é um acto de bondade—Sampaio deu muitas esmolas e foi, conseqüentemente, um bom. No entanto dava de certa maneira—digo mesmo de maneira única.

Rico herdeiro, proprietário logo desde o nascimento de vastos quarteirões da baixa pombalina, Sampaio nunca conheceu as necessidades da vida. Morta a mãe, ficou-se na pequena casa de Santa Isabel, com a creada velha, mastigando na sequencia de muitos anos as rendas avantajadas das casas da Rua dos Fanqueiros e da Rua da Prata.

Todas as manhãs, na época em que a idade o fazia já uma caricatura de si próprio, Sampaio empunhava o «Diário de Notícias» e tomava o pequeno almoço ainda na cama, enquanto lia o jornal.

A sua preocupação, o interesse, o entusiasmo da sua vida, eram os anuncios. Percorria ansiosamente as páginas do grande diário, e os seus olhos então procuravam perplexos as pequenas colunas de letra microscópica, onde as tragedias se anicham em supplicas que custam tanto á linha.

Lia uma vez, duas, trez vezes, se o anuncio, na simplicidade dos termos correntes, tinha alguma nota tragica de sinceridade ou de desespero:

«Chefe de familia, doente e com quatro creanças, pede emprestimo urgente sobre mobilia. Juro o que se combinar.»

Marcava-o logo a tinta com um borrão grande e muitos pingos iam caindo sobre a folha de papel, onde quer que um a dôr, um anseio, um pedido, uma supplicação de emprego ou de dinheiro viesse á superficie.

Depois, Sampaio erguia-se. Fazia a sua «toilette» lenta e grave. Dobrava o jornal, no bolso e saía. O seu passeio era a pé, depois do itinerario marcado com orientação sobre os anuncios palpitantes.

Que ia fazer esse homem, ao subir a um 4.º andar, para ver, sobre um catre de doente, o chefe duma familia que lhe pedia uns centos de mil reis sobre uns tarecos velhos? Sampaio entrava. Olhava a custo as miserias alheias. Vía cair lagrimas, ouvia supplicas e queixumes. Parecia

## O COLECCIONADOR DE TRAGEDIAS

Curiosissima e imprevista pagina, na forma inconfundivel de O HOMEM QUE PASSA, e onde ha entretcho, emoção e interesse.

impenetravel e frio na sua face glabra. Depois tornava a pedir que lhe contassem de novo a historia. Se a tragedia era grande, haviam de repeti-la duas e três vezes. Enquanto ouvia, a sua expressão tomava um ar singular. Os seus olhos semi-cerrados tinham um brilho extranho.

Depois Sampaio saía — e deixava



Sampaio empunhava o «Diário de Notícias»...

dinheiro. Não tudo, não o que lhe pediam: Uma esmola, larga, como quem paga o bilhete dum espectáculo vivido e forte, uma esmola sem alegria, como a gorgeta duma prostituição sentimental e inédita.

Era o seu capricho, o seu vicio, a sua sensualidade. Gostava de ver chorar, de ver sofrer. Era uma estetica especial da dôr. Sobretudo se era um homem, um velho, que tendo vencido a vida toda se achava quebrado por uma tragedia profunda—Sampaio sorvia-lhe as atitudes como um pintor dominado por um modelo...

Um dia—foi na Rua da Rosa, 70, 4.º andar. Era uma sala pequena, baixa, de tectos de madeira, onde havia ainda nas paredes uma velha decoração a fresco, esmaecida e polida pela luz dum seculo.

Um catre de ferro, pobre, a luz da janela numa manhã de inverno. O anuncio apparecera assim: «Menina, vivendo com sua mãe doente, encarre-

ga-se de escrita á maquina para fora. Preços muito resumidos».

Havia miséria na ultima linha. Sampaio marcara logo o anuncio com um sinal a tinta. E foi! Bateu. Era realmente assim.

A pequena não estava, mas a mãe, duma velha cadeira, fez-lhe o sinal que entrasse. Sampaio considerou o ambiente. Vía-se a pobreza acuada. Aquella que escova o fato por mais velho e varre o chão por mais esburacado.

A mulher foi desfiando o seu rosario de desgraças: doente, viúva, tendo a filha por unico amparo. Sampaio ouvia em silencio—mas parecia não se comover com a historia. Não havia ainda nos seus olhos aquele brilho que os grandes lances de dôr lhe costumavam pôr.

— Sim. Eu voltarei. E pegou no chapéu para sair.

A mulher olhou o anciosamente, mas elle caminhava para a porta.

De repente, como se uma força violenta o sustivesse, estacou. Havia sobre uma mesa uma avalanche de velhas fotografias amarelas e de daguerreotypos onde senhoras de balão e «panniers» de seda pesada pousavam junto



Enquanto ouvia a sua expressão tomava um ar singular.

ás inevitaveis begonias das fotografias antigas.

Pegou num cartão em losangulo, pallido, violaceo, onde um aspirante cinto, de mosca e melenas oleosas, se curvava lendo um livro, num banco de troncos—e leu:

Lisboa 30 de Agosto de 1860. Um beijo do teu S...

A sua face oleosa, vermelha, empalideceu, com um sorriso parado e frio. Olhou a mulher estendida toda na cadeira de verga, a observa-lo.

— E' seu este retrato? perguntou Sampaio, com um ligeiro tremor na voz incerta.

— E' sim, meu senhor, porquê? Conheceu talvez essa pessoa? disse a velha com tranquillidade.

— Conheci, parece-me que conheci. Quem era?

— Quem era? repetiu a mulher, como que a recordar se. Eu lhe digo: Não sei. Alguem que passou por mim—mas ha tanto ano! Se quere que lhe diga não me lembro. E assoou-se, estridente, num grande lenço escuro...

— Bem, eu volto.  
«Tome lá— e estendendo-lhe umas notas generosas, Sampaio empunhava tambem o retrato em losangulo.

«Mas ha-de dar-me o retrato...»  
— Oh! Senhor! leve-o á vontade.

«Leve até todos! Para que os quero eu? Infelizmente ninguem me dá nada por eles!

Sampaio, na rua, ia vermelho. O seu passo apressado tinha qualquer coisa de despeito violento.

«Como tudo passa»—murmurou. E, nessa tarde, em casa, diante do largo espelho do seu quarto de vestir, Sampaio, considerando a velha fotografia do cadete galante, de mosca, lendo pensativo o romance sobre o banco de troncos, olhou depois a sua propria imagem, acariciou a face caída com a mão e tornou a murmurar:

«Como tudo passa...»

Nessa tarde, porém, Sampaio telefonou ao seu procurador:

— Olhe, ha-de mandar todos os mezes trezentos mil reis á Rua da Rosa 70, 4.º andar. Não diga donde vai.

— O senhor é um anjo...

Mas Sampaio não quiz ouvir mais e desligou...



BREVEMENTE

Formidavel Concurso

DO

CARMO

E DA

TRINDADE

para os nossos leitores de Lisboa, feito de acordo com Erico Braga o audacioso e empreendedor do Trindade.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING



VARIA

MOINHO DE PACIENCIA



N.º 12  
3.ª serie

SECÇÃO CHARADISTICA  
SOB A DIRECÇÃO DE  
JOSÉ D'OLIVEIRA COSME  
DR. FANTASMA

23  
JANEIRO  
1927

Apuramento do n.º 6 (3.ª SERIE)

COLLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

MAMEGO	
N.º 13	7 Votos

N.º 4, de JAMEVOAL ..... 2 votos  
N.º 7, de AFRICANO ..... 1  
N.º 17, de AVIARDO ..... 1

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

AFRICANO, D. GALENO, D. VASCO, DROPÉ,  
HOPE, LHALHA, ORLANDO-O-PALADINO,  
REI-FERA, (todos da T. E.); LILI, MAMEGO.  
Com 17 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

VIRIATO SIMÕES (16).

OUTROS DECIFRADORES

DOIS PRINCIPANTES 7, FOFORNOFF, REN AN-  
DOP 6, MENINA XÓ 5.

DECIFRAÇÕES

1—sempiternamente, 2—lambisgola, 3—mogorim, 4—za  
terva, 5—rapapé, 6—valetudinário, 7—falino, 8—porvin-  
solva, 9—vespartino, 10—embarço, 11—tasma, 12—vul-  
oso, 13—CHIRIPEADO, 14—farfalhada, 15—serrano, 16—  
quico, 17—Um coração é espelho de outro.

PRODUÇÃO MENOS DECIFRADA

N.º 13, de «Mamego», com 10 decifrações.

DEDICATORIAS

ANELE, MAMEGO, MENINA XÓ e VIRIATO SIMÕES,  
decifrarão o que lhes era dedicado.

CHARADAS EM VERSO

1 Um bello quente e cheio de pureza  
Dado em teus lábios, oh mulher amada,  
Deixou minha alma a ti acorrentada  
E, novamente, opressa de tristeza.

Eu sei que foi, talvez, uma vilozia—1  
Ter-te beijado: sim; minha adorada!  
Porem, sem teu amor, não valho nada...  
E cre: será, p'ra mim, maior riqueza—1

Que me perdoes se, acaso, fui brutal  
Nessa caricia, ardente e natural...  
P'ra não sofrer, gostei o meu desejo

E, ás frias cinzas do primeiro amor,  
Os nossos lábios foram dar calor.  
Fatal patado e desvalido brijo!...

Lisboa JAMENOAL

2 Quando és, em minha casa,—1  
Deu o «lá» para cantar,—1  
Senti-me sobre uma brasa,  
Com vontade de a cegar  
E de quebrar-lhe uma oza!

Colimbra FRANQUERQUE  
(Apelando Visconde da Relva na sua campanha mora-  
litzadora)

3 Eu gostava de saber  
Porque é que alguns charadistas,  
Logo que entram p'ra «Tertulia»,  
Aparecem totalistas.

Antigamente, era raro  
Vê-los atingir a méta,

Mas, desde que all pertencem,—1  
Te a, sempre, a lista completa

Fazem-me desconfiar,  
Que, para serem notados,  
Rogam a alguém p'ra lhes dar,—2  
Dos pontos, os resultados.

E, sendo assim, há razão  
Para dizer, sem temor,  
Que, em nenhum tempo, serão  
Totalistas de valor.

Lisboa MARIANITA

ENIGMA EM VERSO

(A uma jovem amiga, justificando o meu scepticismo e a  
Rei-Fera, agradecendo o seu Anã)

4 Quando te sinto enlevada  
Cheia de fé e calor,  
Escutando, apaixonada,  
As pétas do teu sembor;

E te vejo, confiada,  
Ovir as juras de amor  
Com que te deixa encantada;  
Não me espanta o teu ardor

E não me pasma, creança,  
Tua cega confiança  
Que eu, só depois de ter visto,

O meu puro amor traído  
E' que tomel o partito  
De nem me fiar em Christo...

Lisboa MAMEGO

CHARADAS EM FRASE

5 Coragem! Aprôa, aquela «luz», a «embarcação».—2

Lisboa ADAMASTOR

6 «O agente da autoridade nunca deveria ser «um  
homem arrogante».—4—1

Lisboa BAULHO

(A Rei-Fera, no seu auto-estilo)

7 V., ao fazer as suas produções, pensa profunda-  
mente num artifício para enganar os confrades, e eu re-  
pato-o um homem desconcertado em seus movimentos.—2

Lisboa DITE

8 Tenho, em casa, um animal que apesar-de toda a  
limpeza, tem sempre uma crusta de sujeira.—1—1

Lisboa D. GALENO (T. E.)

9 A mim dói-me a cabeça! Alto aí! V! se falas me-  
nos «alto», senão levas um murro.—1—1—1—1

Lisboa DOIS PRINCIPANTES

(Réplica a L. F. B., que se oculta sob o pseudónimo de  
Homem sem Nome.)

10 Posso-lhe provar que, quem está sujeito aos lares  
adversos da fortuna, anda a lã, com pena de me ver  
atrapalhado no andar.—3—1

Lisboa DROPÉ

11 Apefelari as minhas manieiras e boje, onde me  
apresento, sou tido por um homem fino e culto.—2—1

Lisboa EURISTO

12 Quem faz provocações e no meio da luta se fere  
onde magoe, decerto se arrepende de ter brigado.—3—1

Lisboa GABI

(Para arrallar a paciencia do Euristo)

13 Não me convence com razões dessa natureza! A meu  
pezar, intimo-o a que me entregue o dinheiro no mais  
curto espaço de tempo.—3—1

Lisboa HOMEM SEM NOME

14 Qual o caminho a adoptar para conseguir uma di-  
nhreira comprida?—2—1

Lisboa NITO

15 Apesar-de não ter outro recurso coreográfico, ex-  
cutarei esta «dança popular do século XVIII».—1—2

Porto RENANDOP

16 Causa impressão dolorosa e desagradavel em quem  
observa, toda a mulher que padece de falta de «ar» e  
que tem appetite depravado.—2—1

Lisboa VIRIATO SIMÕES

(Réplica à eximia e talentosa Mamego)

17 Dirigir-me V. Ex.ª semelhante produção como agra-  
decimento, foi exactamente o mesmo que pretender to-  
dizir-me a cinza pó e nada...—1—1

Lisboa VISCONDE DA RELVA

(Convidando o confrade «Dick» a aumentar a prole do  
«Domingo»)

18 Porque foi que, aos rapazes de agora, lhes deu na  
cabeça para usarem casquinha curta?—1—2

Lisboa VISCOND X

CRAS PALAVRUZADAS

Passatempo da moda  
Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser  
endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, 1.º,  
LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado  
devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao  
PROXIMO SABADO. A solução do problema  
do numero anterior sairá no proximo numero,  
bem como o QUADRO DE HONRA.

DECIFRAÇÕES DO N.º 104  
HORIZONTAIS.—1 Vaz, Opa, Dão, 2 A,  
Loa, O, Ror, E 3 Miolo, Rimas, 4 Pão, Aveia,  
Ran, 5 Ao, P, Oco, c, lã, 6 R, Rua, A, Ala, U,  
7 Relva, Travo, 8 O, Age,  
C, Oro, M, 9 Vã, A, São,  
A, lo, 10 Ans, Melro, Evo,  
11 Ordem, Aceno, 12 E,  
Til, S, Erg, O, 13 Veu, Pau,  
Aar.

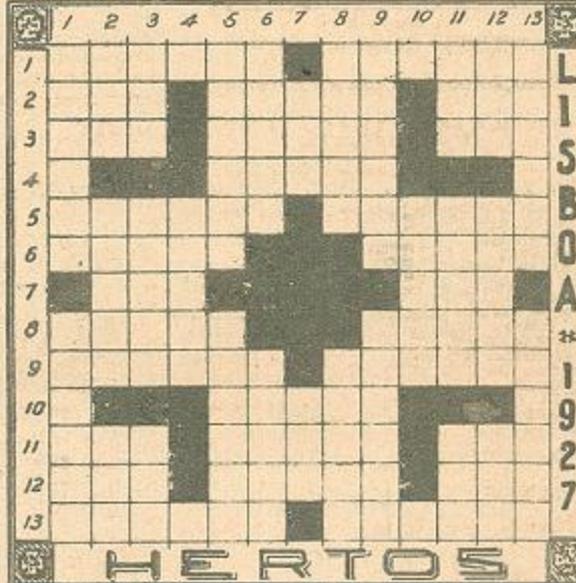
VERTICAIS.—1 refreado, relativo á pascoa.  
2 folha de palmeira, assinala (inv.), trez letras  
de «enigma». 3 vrsso (inv.), passaro do Brazil,  
pedaço de cabo na ponta da bolina (inv.), 4 le-  
tra, planta, letra. 5 cheio, dissipar. 6 falta, en-

VERTICAIS.—1 A, Par,  
Ova, E, 2 V, Mão, R, Ano,  
V, 3 Alio, Rea, Arte, 4 Zoo,  
Pulga, Diu, 5 Ala, Ave,  
Mel, 6 O, Ovo, A Sem, P,  
7 Pó, Eça, Cal, Sã, 8 A,  
Rio, T, Ora, U, 9 Ria, Aro,  
Oce, 10 Dom, Clara, Era,  
11 Arar, Avo, Enga, 12 O,  
Sal, O, Ivo, R, 13 E, Nau,  
Mão, O.

PROBLEMA D'HOJE  
Original do nosso illustre  
colaborador «Hertos».

HORIZONTAIS.—1 pes-  
soa que affecta saber muito,  
demonstrar, 2 interjeição,  
cavaleiro (pl.), parti, 3 de-  
feito, genero de liquenes,  
açucena, 4 letra, cinco letras  
de «tossir», letra. 5 explica,  
circulo descrito pelos as-  
tros no seu movimento,  
6 ruina, nobre, 7 visinhança, bebe, 8 cinco le-  
tras de «primeira», barro, 9 seis letras de «la-  
tagão», anagrama de «loiras», 10 letra, triste,  
letra, 11 anagrama de «Eça», goela (pl.), repe-  
ti, 12 e-paço de tempo, vã, anagrama de «Eva»,  
13 cidade da cochinchina francesa, homem.

fadei-me, 7 trez letras de «fento», trez letras  
de «alarde», 8 medida, cinco letras de arrete,  
9 adie (inv.), glosam, 10 letra, acima, letra, 11  
sinal ortografico, abrilhantei, suavidade, 12 li-  
guei, dignidade de deão, anagrama de «aio»,  
13 corda de hastes enlaçadas, brioso.



Aos Diabéticos

CACHETS LOPES  
Anti-diabéticos  
FARMACIA CENTRAL  
F. Lopes, Farmaceutico  
108, R. S. PAULO 110  
LISBOA  
CAIXA 10900

MOVEIS E ESTOFOS  
Ao Confortavel  
DE  
NASCIMENTO PIEDADE  
TELEFONE NORTE 3968  
Rua da Palma, 109 a 115, 1.º  
LISBOA

ARMAZENS BARROCA  
31—Rua da Atalaia—35  
Telefone T. 1095  
MOVEIS, ESTOFOS, DECORAÇÕES, TAPETES, OLEADOS,  
CARPETES, ETC.  
SECÇÃO DE ANTIGUIDADES

O MINISTRO da Instrução Publica



# Varia

## XADREZ

A correspondencia sobre esta secção pôde ser dirigida a Pertre Machado, Oremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

**PROBLEMA N.º 106**  
por F. Oeyerstam  
Pretas (8)



Branças (8)

As brancas jogam e dão mate em quatro lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 105 (Weenlak)

1. P. 4 D. P. 6 R + d: 2 P. 5 D + d e 3 P. 6 D x  
T 4 C D: 2 D. 2 T +  
D. 2 T: 2 T x B +  
P. 3 D: 2 B x T +

Match Alekhine-Euwe

legado ao melhor resultado em 10 partidas teve a seguinte conclusão:

Dr. Alekhine : 5 1/2 pontos  
Dr. Euwe : 4 1/2 pontos  
Alekhine ganhou 3 partidas, Euwe 2 e as restantes foram empatadas. O resultado foi, como se vê, brilhantissimo para o jovem campeão holandês que se batia com um dos mais formidaveis candidatos ao campeonato do mundo e causou profunda impressão em todos os centros de xadrez.

Resolveram o problema n.º 105 os senhores Nunes Cardoso; Dr. J. M. da Costa; Maximo Jordão e G. A. X. Damiano de Odeira.

NOTA: O problema de hoje corresponde a uma variante do jogo dos 4 caninhos que os Ingleses denominam merry-go-round.

**GRANDE OURIVESARIA, JOALHARIA, PRATARIA, RELOJOARIA E ANTIGUIDADES**

DE  
**Joaquim Nunes da Cunha, Limit.ª**

RUA DA PALMA, 100 e 100  
RUA MARTIM MONIS, 27

Telefone N. 2974 LISBOA

Compra e vende aos melhores preços do mercado brilhantes grandes, esmeraldas, perolas e safiras, joias com pedras finas e com mininos novos, moedas antigas de ouro e prata, relógios, caixas para rapé, esmaltes e tudo o que seja antigo em Ourivesaria.

Tem sempre para vender e tambem a peso joias, ouro e boas pratas, tanto antigos como modernos, comprados nos melhores fabricantes do Mundo e nos principais leilões de penhores.

## "AO ESTRIBO" Novo livro de PEPE LUIZ

Está publicado mais um volume de cronica taurina do conhecido critico Pepe Luiz, o qual deu á sua interessante obra o suggestivo titulo «Ao Estribo».

Nas 214 paginas deste trabalho, Pepe Luiz faz o elogio da taurada, servindo-se de copiosos elementos, aos quais não são estranhos curiosos dados historicos que accentuam profundamente o brilhantismo que os portugueses sempre imprimiram á lide equestre.

Tambem está incluída na dita obra uma serie de entrevistas com alguns astros da tauromaquia, como sejam Belmonte, Sanchez Mejias, Niño de la palma, Antonio Fuentes, Victorino Froes, D. Antonio de Portugal, Conde de S. Martinho, etc.

Martinez de Leon, Cordeiro, Duarte d'Almeida, illustram magistralmente o trabalho de Pepe Luiz, vincando um incontestavel personalismo em pri-

mosos desenhos á pena. A edição é muito cuidada e pertence á Papellaria e Livraria «Pa-



D. Roy da Comara, depois de eovar um magnifico por de bandarilhas.

«eta d'Ouro», Rua do Cuio, 72 — LISBOA.

## O cantinho dos nossos leitores

UMA INSCRIÇÃO VALIOSA

Em 1921, uma missão arqueológica italiana, que fazia pesquisas perto do templo de Apolo, em Coyrene (Africa italiana) descobriu os restos duma placa de mármore muito danificada, mas com traços nítidos duma inscrição. Segundo o metodo da exposição, esses fragmentos foram postos de lado, para serem mais tarde examinados. Uma insurreição das tribus do interior obrigou a missão a afastar-se, quando todos os pedaços do puzzle histórico estavam todos reunidos. Aconteceu, portanto, que só ha muito pouco tempo houve conhecimento, em Roma, do texto dessa tábua de mármore. Cento e quarenta linhas, traçadas em pequeno caracteres, mas muito claros, continham uma mensagem do imperador Augusto ao prefeito de Coyrene. E' inscrito em estilo nítido, imperativo, dando instruções sobre a maneira como se deve governar uma colónia. A razão por que a inscrição se conservou tão nítida é que pouco depois da placa de mármore ter sido colocada, conforme o uso, num lugar publico, um tremor de terra devastou esta parte de Africa e a placa de mármore foi enerrada no chão. Apesar de quebrada, salvou-se assim a inscrição que os colonos de Coyrene, antigos legionários, devem ter recebido com toda a devoção, porque o respeito de Roma e o culto do imperador estavam então no seu apogeu.

## PAGINA ALEGRE

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 3

ceder para sala de exposição. Sobre a cabeceira da cama, uma lapide de mármore mostrava em letras de ouro esta inscrição: «Ganha fama e deita-te a dormir».

Alcides leu a sentença, deitou-se, mas não dormiu, porque entrou a pensar no monumento que tencionava fazer erigir a si mesmo, lá para o verão, hesitando entre a estatua equestre e a pedestre. Por fim, já raiava a manhã, decidiu-se pela estatua de cocoras e ador-meceu, sonhando com a Gloria—que ha muito tempo está ao serviço do illustre sabio e tem um dedo especial para o bacalhau guizado.

XISTO JUNIOR

## Retratos d'Arte

PELO FOTOGRAFO

**SILVA NOGUEIRA**

R. Escola Politecnica, 141

FOTOGRAFIA BRAZIL

## DAMAS

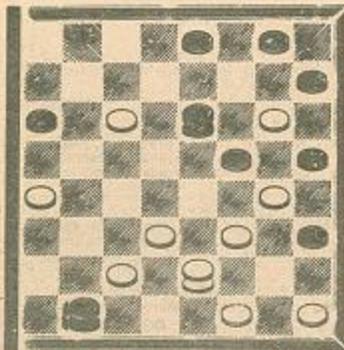
Solução do problema n.º 105

	Branças	Pretas
1	11-16	20-11-4 D
2	7-11	15-8
3	13-17	22-13
4	6-9	13-6
5	2-13-31-24-15-22-29	

Oanhá

PROBLEMA N.º 106

Pretas 2 D e 7 p.



Branças 1 D e 9 p.

As Brancas jogam e ganham.

Resolveram o problema n.º 104 os srs. Augusto Teixeira Marques, Barata Salgueiro, Carlos Gomes (Bemfica), N. Guilme Figuera da Foz, Suelto da Silveira, Victor dos Santos Fonseca, Virgilio Teixeira Lopes. O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo sr. Neulame, que o cedeu ao insigne sr. de Jogo das Damas na Figueira da Foz, o Ex.º Sr. Alberto Malafina. Toda a correspondencia relativa esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domíngio Illustrado», secção do Jogo das Damas. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

## MÁQUINAS DE ESCREVER EM CHINES

Uma fábrica de máquinas de escrever acaba de construir uma máquina reduzindo a algumas centenas os milhares de sinais chineses necessários para escrever uma carta na lingua dos mandarins. Recentemente, um inventor construiu uma máquina do mesmo genero, mas possuía 2.000 letras e, comercialmente, não era prática.

## OS RELOGIOS E AS HORAS

Há q em estranho que o som das horas dos relógios não fosse alterado como o mostrador e permanença fiel á antiga divisão do dia em duas vezes d e horas.

O sistema de tocar até ás vinte e quatro horas apresentaria inconvenientes e nenhuma vantagem, além de exigir u na transformação mecânica que seria custosa. Para além dum certo numero de pancadas, por muito distintas que sejam, a repetição é aborrecida, o ouvido distrai-se e é facil qualquer engano. Pensou-se no emprego de dois timbres diferentes: um para as unidades, outro para as dezenas, para reduzir o numero das pancadas. Treze horas, por exemplo, seria indicado por uma pancada grande e três mais pequenas, separadas por um intervalo de tempo; vinte e quatro horas por duas pancadas grandes e quatro pequenas. Mas este sistema não foi adoptado, porque os sinais da hora pelo som exige principalmente uma grande simplicidade, não se prestando a nenhuma confusão.

V. Ex.ª quer vestir com elegancia e economia?... vista-se na



CAMISARIA—GRAVATAS  
SUSPENSORIOS LIGAS

PREÇOS SEM COMPETENCIA

ARTIGOS DE NOVIDADE

Casa David

Telefone 1094 N.

**FUNERAES**  
SIMPLES  
E LUXUOSOS

SERVIÇO PERMANENTE

**MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO**

131. RUA DOS ANJOS, 133  
LISBOA TELEF. 1094 N.

Telefone 1094 N.

Cosulich Line Martha Washington

16 de Janeiro de 1927

Agentes: — E. PINTO BASTO & CIA L. DA

RETROZZARIA

FABRICA DE SABÃO NO SEIXAL  
DESCONTOS PARA REVENDA

# Actualidades gráficas

## A AUDACIA DUM EQUILIBRISTA

### LIVROS



A ilustre escritora D. Aurora Jardim Aranha, cujo ultimo livro, «Farrapos de vida viva», alcançou um grande êxito



Um especialista do monocycle fazendo exercicios de equilibrio no alto da piramide de Kéops, no Egipto.

## 228 QUILOMETROS Á HORA



Esta velocidade extraordinaria foi conseguida por este motociclista que, para a poder suportar, revestiu um jato e uma mascara especiais. A maquina tambem está blindada.

## O EXAME DOS AVIADORES



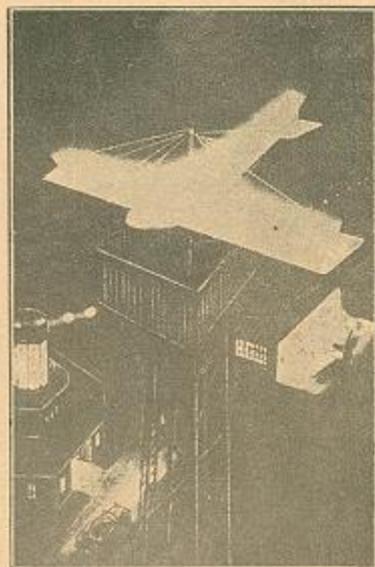
O candidato americano a aviador tem de se sujeitar a provas de resistencia fisica como esta, que consiste em se fechar numa camara hermetica onde se rarefaz o ar, com o fim de avaliar da resistencia dos seus pulmões a grandes altitudes.

## VISÃO DA MODA EM 1927



O que será a elegancia feminina no ano presente? Com os seus arrosos e o inesperado das suas creações, é possivel que ultrapasse esta graciosa «charge» dum «metteur-en-scène» yankee.

## SINAL PARA AVIADORES



Para o aviador saber, de noite, em que direcção deve aterrar, usa-se na Alemanha esta miniatura luminosa de avião, que indica ao piloto a direcção que lhe convém.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

PUBLICIDADE

MAQUINAS E TODOS OS ARTIGOS PARA  
FOTOGRAFIA E CINEMATOGRAFIA

Julio WORM

LISBOA  
135, Rua da Prata, 137

PORTO  
Palacio de «A Nacional»  
P. da Liberdade



**FOGÕES ECONOMICOS!!**

350\$



ASSA  
GRELHA  
COZE  
FERVE  
E NÃO  
SUJA

SEM FUMO  
SEM CHEIRO  
SEM CINZAS

EM 12 PRESTAÇÕES MENSUAES

**CADDO GAZ** VER AS NOSSAS MONTRAS  
RUA DA BOA VISTA 35

**RUGAS?**

DOS OLHOS, TESTA, BOCA E SEGUNDO QUEIXO  
(Double-Mento) são o tumulto do amor

Use na toilette diaria:  
nas peles secas ou nor-  
mais, Agua de Crème e  
Pó d'Arroz Rainha da Hun-  
gria, que em 3 dias trans-  
formam a sua pele numa  
Beleza incomparavel! Nas  
peles gordas e luzidas use  
os productos d'Accacia:  
nos poros dilatados os  
productos Civette. Para la-  
var o rosto use Pasta de  
Amendoas Rainha da Hun-  
gria. Use nas faces o Rou-  
ge Rainha da Hungria.  
Nos labios a Fleur Rainha  
da Hungria. Para maça-  
gem o Crème Velotau Rai-  
nha da Hungria. Para a be-  
leza dos olhos os Produ-  
ctos Rodal. Corrija as so-  
brancelhas com o Crème  
Superciliar. Tire os pelos  
com o Depilatori - Electri-  
co.

Os productos *Electricos Mirabi-  
lia* da ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA  
com 18 anos de sucesso, fazem a alegria da  
vida: porque tiram as rugas para sempre.

Escreva hoje mesmo e peça estes productos, e  
em 8 dias verá que as rugas progressivamente  
vão desaparecendo. Não experimente outros  
productos antes destes, e não mudará mais; se  
mudar, voltará de novo a usal-os.

A

**Academia Scientifica  
de Beleza**

Todos estes productos se  
vendem na

Academia Scientifica  
de Beleza

e em toda a parte

fabrica 400 productos de Beleza, que são 400  
maravilhas, premiados com o *Grand Prix* na  
Exposição Internacional do Rio e noutras exposi-  
ções a que tem concorrido.

Peça hoje mesmo o catalogo gratis, enviando um escudo para resposta

AVENIDA DA LIBERDADE, 35—LISBOA

Resposta mediante selo

Catalogo gratis

**Drey L. da**

Unicos agentes em Lisboa

DOS

AUTOMOVEIS CAMIONS E TRACTORES

**Lincoln Ford Fordson**

Carrosseries para camions

e material agricola

VEINDAS A PRAZO LONGO

RUA DO CAIS DO TOJO, 35

RUA 24 DE JULHO, 42

LISBOA

**CARDOSO**

TELEF. 333 C.

134, RUA DA PRATA, 136

LISBOA

OS MAIS CHICS MO-  
DELOS DE CHAPEUS  
PARA SENHORAS

SEMPRE SORTIMENTO  
EM CHAPEUS DE LUTO

**PAULINO FERREIRA**

ENCADERNADOR DOURADOR Casa fundada em 1874

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ MOVIDAS A ELECTRICIDADE

PREMIADA EM TODAS AS EXPOSIÇÕES A QUE TEM CONCORRIDO

DIPLOMAS DE HONRA na Exposição da Caixa Economica

Operaria e na Exposição da Imprensa

TRABALHOS TIPOGRAFICOS EM TODOS OS GENEROS SIMPLES E DE LUXO

Rua Nova da Trindade, 80 e 82—LISBOA

TELEFONE 3495 N.

**LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING**

"LINFATINA"  
Nobre Sobrinho  
BÉBÉS ASSIM só se obtêm dando  
TINA—Nobre Sobrinho. libes a LINFA-  
DEPOSITO  
**Teixeira Lopes  
& C. Ltd.**  
45, Rua de Santa Justa, 1.º  
LISBOA

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

# O DOMINGO

## *ilustrado*

ASSINATURAS  
CONTINENTE E HESPAÑA  
ANO - 48 ESCUDOS -  
SEMESTRE - 24 ESC -  
TRIMESTRE - 12 ESC -

ASSINATURAS  
COLONIAS  
ANO, 52x20 - SEMESTRE, 26x10  
ESTRANGEIRO  
ANO, 64x64 - SEMESTRE, 32x32

NOTÍCIAS & ACTUALIDADES GRÁFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTÓRIOS & UTILIDADES.



"Um tipo muito "sabido" morre nas terras do dito..."

Visão da morte do "Gavroche"!

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING